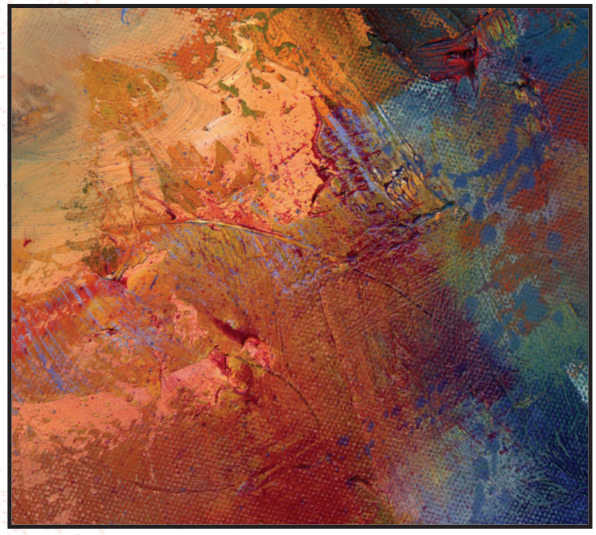
ENTREVISTA



Redes digitais e significados da crise do Ocidente

Entrevista com Prof. Dr. Massimo di Felice – ECA/USP*

Realizada por Marcella Schneider**

Nanotecnologia, tecnologias de geolocalização, biotecnologias, redes sociais, netativismo, crise ambiental são fatos da nossa realidade que apresentam um cenário bastante diferente daquele moderno sobre o qual foram estabelecidas as principais diretrizes de análise da sociedade. A partir de definições, categorias, organizamos, hierarquizamos as relações humanas, do ponto de vista do homem, sujeito inteligente, consciente, responsável pelo destino e progresso social. Conceitos como humano, tecnologia, sociedade, ética, foram estabelecidos de maneira rígida para que pudéssemos "progredir", "evoluir". O que deu errado então? Parece que ainda hoje tais conceitos continuam sendo utilizados como parâmetro para entendermos a atualidade. O prof. Dr. Massimo di Felice nos diz que devemos mudar nossa forma de pesquisar, no lugar de afirmar identidade, criar oposições, temos que olhar a ecologia da complexidade da atual situação social tecnológica, da conectividade permitida pelas tecnologias da comunicação digital. Ele nos fala da crise da epistemologia ocidental e afirma que devemos caminhar na direção de pensar a "condição humana" e não a essência humana, como maior parte da tradição epistemológica ocidental fez. Confira a seguir o detalhamento de parte das ideias do sociólogo sobre esse assunto, e parte da pesquisa que ele vem desenvolvendo na direção da ecosofia, da complexidade, das formas comunicativas do habitar, das epistemologias reticulares, do netativismo e da conectividade.

---

* O Prof. Dr. Massimo di Felice é graduado em sociologia pela *Università degli Studi La Sapienza*, doutor em Ciências da Comunicação pela *Universidade de São Paulo – USP* e tem pós-doutorado em Sociologia pela Universidade Paris Descartes V, Sorbonne. Atualmente leciona na USP e é professor visitante na *Libera Università di Lingue e Comunicazione – IULM* de Milão e professor convidado na *Universidade Nacional de Córdoba* Argentina, *Universidade de Roma III, Universidade Lusofona do Porto*, Fundou o *Centro de Pesquisa Internacional Atopos (ECA-USP)* que estuda as redes digitais, é autor de livros e artigos publicados em diversos países entre eles: "*Paisagens pós-urbanas* – o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar", traduzido e publicado em vários idiomas; "*Redes digitais e sustentabilidade* – as interações com o meio ambiente na era das informações", "*Do público para as redes* – a comunicação digital e as novas formas de participação social" e está para lançar na Itália o livro: "*Net-ativismo* – das ecologias comunicativas da democracia para as redes ecológicas digitais transorgânicas".

** Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. Graduada em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pela Universidade Santa Cecilia. É pesquisadora do Centro de pesquisa Atopos da ECA/USP na linha de pesquisa AION netativismo e teoria da ação.

Marcella Schneider – Fapcom: Vemos em grande parte de seus textos uma insistência em descrever o advento das tecnologias digitais e das redes de conectividade não apenas como uma transformação tecnocomunicativa, mas também, como o advento de uma nova episteme, diversa daquela desenvolvida na tradição ocidental baseada em uma ontologia separatista que distingue o homem da técnica, o sujeito do objeto, o humano da natureza etc.

Tendo em vista que esta epistemologia marca a história do pensamento ocidental, em que sentido não seria mais possível utilizar este paradigma para compreendermos e descrevermos a nossa realidade? É possível falarmos na crise desse pensamento, se sim, que significados e características devemos atribuir a esta crise?

Massimo di Felice: Em primeiro lugar é um prazer poder oferecer essa entrevista para a Revista da Fapcom, em seu primeiro número, é com certeza um passo importante. A abertura de uma revista científica é sempre uma contribuição importante dentro da economia do pensamento de um país, então parabenizo a decisão e o trabalho que está sendo feito para a realização de mais uma revista científica, ainda mais por se tratar de uma revista científica que pretende abordar questões teóricas profundas e importantes.

Os três conceitos que foram escolhidos como argumento do primeiro número da revista são conceitos que de fato estão como pilares, como fundamentos da episteme ocidental, o conceito do humano, conceito de técnica e o conceito de sociedade, que hoje apresenta-se mais como a necessidade de repensar a própria dimensão do social. A primeira coisa que nós devemos fazer é tomar consciência e consequentemente nos colocar e refletir sobre esses conceitos, na única forma possível de fazer, isto é, a partir da nossa atualidade. Portanto, em sintonia com as teses sobre a história elaboradas por W. Benjamin, podemos abordar tais questões apenas a partir da contemporaneidade. Segundo minha opção epistêmica, só é possível pensar e julgar estes conceitos a partir dos desafios e das problemáticas que o presente nos põe. Portanto, o procedimento que utilizo para abordar tais profundas questões teóricas não é apenas a reconstrução de um percurso conceptual evolutivo que repercorra a história dos conceitos e das teorias de humano, de técnica e de social em suas diversas etapas e significações, mas, ao contrário, a inversão desse percurso através do questionamento e das perguntas que a nossa época põe a estas categorias teóricas, afastando estas mesmas categorias tanto da interpretação ontológica e meta-histórica, quanto de sua dimensão materialista e sociodeterminista.

Feita esta premissa, a primeira coisa a fazer é tentar indicar e narrar quais são as características da nossa contemporaneidade. Na minha interpretação, a nossa contemporaneidade é caracterizada por duas grandes transformações, duas transformações que marcam a nossa época numa forma total, isto é, marcam e condicionam qualquer aspecto da nossa sociedade, qualquer setor da vida pública e das organizações privadas, o Estado, os governos, a vida cotidiana de todos nós e, portanto, podem ser consideradas realidades sociais totais, para utilizar o termo que Marcel Mauss indicava como ideia de fato social total. A primeira está relacionada ao advento das tecnologias digitais, isto

Os três conceitos que foram escolhidos como argumento do primeiro número da revista são conceitos que de fato estão como pilares, como fundamentos da episteme ocidental, o conceito do humano, conceito de técnica e o conceito de sociedade, que hoje apresenta-se mais como a necessidade de repensar a própria dimensão de social

é, o advento de um novo tipo de tecnologia que organiza as informações e a comunicação através de novos tipos de ecologias da informação e novos tipos de arquiteturas de interações que, por sua vez, implicam a necessidade de repensar a própria ideia de comunicação e consequentemente também da própria ideia de estrutura, de técnica, a própria ideia de humano, etc. A segunda grande transformação é a questão ecológica, isto é, a consciência mundialmente difundida de que pela primeira vez na história da humanidade estamos perante o apocalipse da espécie humana, isto é, estamos em um contexto no qual o nosso modelo de desenvolvimento provoca um impacto ambiental que já está impondo alterações qualitativas ao equilíbrio climático de nosso planeta, e consequentemente provocando grandes transformações ambientais.

Não existe aspecto ou setor da sociedade que não esteja sendo fortemente impactado e transformado por essas duas grandes questões. A recente reunião em novembro de 2015, em Paris, que reuniu através da ONU mais de 250 países, empresas e cientistas do mundo inteiro, que chegou pela primeira vez a algumas conclusões que todos assinaram se impondo um cronograma de realizações e até sanções para limitar a produção de CO_2, são o resultado e a evidência de uma consciência planetária e do drama da crise que nós estamos vivendo. Então a questão que você me põe sobre a atualidade dessas categorias (o conceito de técnica, o conceito do humano e o conceito de sociedade), e consequentemente a hipótese de uma eventual crise do pensamento ocidental, deve ser pensada e julgada a partir desse quadro, a partir desse contexto contemporâneo que acabei de narrar, dessas duas grandes transformações. Este é o meu posicionamento a partir do qual colocarei as minhas ideias.

Vamos agora às questões iniciais da técnica do humano e do social, que constituem algumas das categorias fundamentais da filosofia ocidental, à luz dessas duas grandes transformações. A primeira observação é a questão da ideia de ecologia desenvolvida pela cultura ocidental, isto é, a ideia de ecologia segundo a qual o homem é o centro do universo e o ambiente (do latim *ambire*) é o que está em volta, ao redor do homem.

Esta perspectiva ecológica humanista antropocêntrica surge na filosofia grega e em particular a partir da interpretação platônica de Sócrates que desloca o pensamento, até então direcionado a natureza e a *physis*, para o humano, para a realidade

humana, concentrando o mesmo no conhecimento e nas atividades humanas. A partir de então, passando pelo neoplatonismo no interior da Idade Média, pelo humanismo e pelo Renascimento, até Descartes e por toda a tradição filosófica moderna, o humanismo é um dos grandes marcos da cultura ocidental. Esta questão da crise do humanismo está contida num importante livro que coordenei junto ao meu colega italiano Mario Pireddu, da Universidade de Roma III, cujo título era: *Pós-humanismo, a relação entre o homem e a técnica na época das redes*, editado pela Difusão. No livro se defendia a ideia de que o humanismo desenvolvido pelo pensamento ocidental está baseado numa ideia que separa o homem da natureza, que torna a natureza paisagem ao seu redor e que reduz o meio ambiente a coisa. Essa ecologia antropomórfica chega até o pensamento científico e a Revolução Industrial, que reduziram a natureza a objeto e fenômenos e à matéria-prima, então há uma relação estreita entre a utilização das matérias-primas e a redução da natureza a recursos própria da Revolução Industrial e da metafisica de Platão. Qual é essa relação? O que não é humano, a superioridade das ideias e do humano sobre o mundo físico e, consequentemente, a redução ao que é ambiente, o que está ao redor do humano, a algo que pode ser utilizado, a algo que pode ser modificado, alterado, porque é algo de natureza material e inferior.

A crise ecológica contemporânea põe em xeque essa ideia antropocêntrica ocidental de ecologia, como evidencia o debate que aconteceu em torno da ideia de Gaia, desenvolvida, num primeiro momento, por J. Lovelock, físico, prêmio Nobel, e hoje considerada uma teoria bastante consolidada no interior da comunidade científica. Esta concepção modificou não somente a nossa ideia de ecologia, mas também o nosso conceito de habitat. Porque, segundo a teoria de Gaia, nós não habitamos um planeta, um globo terrestre, mas habitamos um organismo vivo que Lovelock denomina Gaia. Este organismo se estende por uma faixa de 40-60 km que vai da atmosfera até o subsolo, e no interior do qual há vida, existe vida. Essa faixa é chamada de biosfera. Essa biosfera é, segundo hipótese desenvolvida por Lovelock, um organismo vivo que, como qualquer tipo de organismo vivo, é composto por vários organismos interagentes entre si. Então, segundo a teoria de Gaia, a espécie humana, sobretudo depois da Revolução Industrial, estaria, em quanto membro e parte ativa, atuando neste organismo vivo impactando e impondo mutações não somente no meio ambiente, isto é, ao seu redor, mas na esfera geológica, isto é, na esfera responsável pela manutenção do equilíbrio climático. Inaugurando uma nova era geológica denominada "antropoceno" caracterizada, pela primeira vez na historia do planeta, pelo impacto do humano na esfera geológica e, portanto, climática de Gaia. Diante dessa ameaça, Gaia estaria reagindo a este impacto e se comportando como qualquer organismo quando atacado por um vírus, aumentando a temperatura e tentando se livrar do vírus.

Então segundo esta teoria, o impacto da nossa civilização contemporânea provocaria, pela primeira vez na história da espécie humana, a possibilidade da sua extinção. Isso gerou debates a nível mundial, filosóficos, teóricos, teológicos, ambientais etc., tentando prever as mudanças em ato e suas consequências. Paralelamente, consideran-

A crise ecológica contemporânea põe em xeque essa ideia antropocêntrica ocidental de ecologia, como evidencia o debate que aconteceu em torno da ideia de Gaia, desenvolvida, num primeiro momento, por J. Lovelock, físico, prêmio Nobel, e hoje considerada uma teoria bastante consolidada no interior da comunidade científica.

do a hipótese que ainda haja tempo, nós devemos estimular a reflexão também sobre o processo que determinou a chegada a esse ponto, isto é, quais as causas? As causas não somente concretas de impacto ambiental, de produção e consumo etc, mas também as causas filosóficas, teóricas que levaram a espécie humana à beira de sua extinção. Bom, obviamente é um debate muito grande, mas a gente pode simplificar alguns elementos. Portanto a perspectiva filosófica humanista ocidental encontra-se em crise, pois seu resultado é uma das causas principais da relação pouco inteligente que o *Homo sapiens* desenvolve com o meio ambiente. A teoria de Gaia, ao contrário, recoloca o humano no interior de uma complexidade maior que ele, da qual ele é um elemento interagente, que pode, obviamente, transformar, mas que ao mesmo tempo é, por esta complexidade, transformado. Isso é extremamente importante porque isso gera, por exemplo, a necessidade de repensar a própria ideia de ação. Nesse último livro que você comentou, sobre netativismo, eu trabalho exatamente essa questão relativa à necessidade de reformular uma teoria da ação não mais apenas humana. No interior de Gaia e no interior de uma lógica de redes em contexto digitais não existe mais a possibilidade da ação do sujeito em direção ao externo (esta ideia fundou todo o pensamento da ação social e todo o pensamento do agir político), porque não há externo em Gaia. Nós não mais habitamos um planeta, mas habitamos um organismo vivo, nós não temos o externo, se nós jogarmos lixo no mar ou na Antártida, esse lixo vai impactar no nível da atmosfera e isso vai impactar na qualidade do ar que nós respiramos. Então não há como "jogar fora", não há um "fora" na biosfera. Então isso necessita de um "repensamento" de toda a ideia de ação e obviamente também a superação da ideia primaria e infantil da centralidade do humano. Partes dessas questões estão contidas no meu livro: *Redes Digitais e sustentabilidade, a relação com o meio ambiente na época das redes*, escrito junto aos meus colaboradores Leandro Yanaze e Juliana Cutolo, e editado pela Annablume, no qual abordamos a dimensão não externa das redes digitais.

Marcella Schneider – Fapcom: Então, se a perspectiva de Gaia, a crise ecológica, aponta de forma bastante evidente a dimensão e o significado da crise do humanismo, uns

dos pilares do pensamento ocidental, quais seriam os significados atribuídos e as causas da crise do conceito de técnica, sempre segundo o que foi desenvolvido pelo pensamento ocidental?

Massimo di Felice: Então, julgados os limites do conceito de humanismo no interior da teoria de Gaia, passamos agora a analisar o conceito de técnica, a partir dos novos tipos de interações que as redes digitais e a internet em suas últimas versões começaram a desenvolver. Assim como optamos fazê-lo, e como estabelecido no começo. Refiro-me, em particular, à internet das coisas, aos *big data*, às formas de conexões de territorialidades etc. Tais arquiteturas são formas de interações simbióticas que não podem ser descritas como utilização de tecnologias ou ferramentas, mas que são interações entre inteligências, inteligências humanas e inteligências não humanas. De um lado as inteligências artificiais produzidas pelos *big data*, isto é pela elaboração de dados produzidos autonomamente na internet, pela internet das coisas e pela reelaboração dessa grande quantidade de dados produzidos por *softwares* e inteligências artificiais e consequentemente pelo diálogo que o humano produz com esse tipo de inteligência não humana. Então se nós pensamos a realidade da biotecnologia, das nanotecnologias, isto é, a cultura tecnológica e a técnica contemporânea, vemos que não é possível continuar com a narrativa a partir do termo "*teckne*", de técnica, produzido por Aristóteles no século V a.C. E consequentemente esta dificuldade nos leva a pensar que a centralidade do humano, a incapacidade do Ocidente desenvolver uma teoria apropriada e complexa para entender o dinamismo entre o humano e a técnica na sociedade contemporânea são dois elementos que nos levam a afirmar que podemos pensar que não somente essas duas grandes questões, a crise ecológica e o advento das redes digitais, provocam um desconforto ao utilizar as categorias tradicionais da episteme ocidental, mas como provavelmente essas categorias humanocêntricas, tecnofóbicas, sociocênticas, que foram produzidas pelo Ocidente são provavelmente entre outros elementos responsáveis pela atual crise e ameaça da extinção da espécie humana. Isto é, não somente nós não temos uma filosofia ecológica, pois o Ocidente não chegou a produzir uma filosofia ecológica, mas a filosofia ocidental é responsável pela situação na qual o Ocidente se encontra, pois contribuiu para a produção de um tipo de sociedade que está destruindo o meio ambiente e que está levando a extinção à espécie humana. Paradoxalmente, o pensamento que se funda no humanocentrismo e no humanismo é hoje culpado por ter fundamentado os pressupostos teóricos suicidas da espécie humana que se encontra hoje à beira de sua extinção.

As redes digitais na perspectiva de Gaia expressam uma crise do pensamento ocidental, crise esta já anunciada por Heidegger e por Nietzsche, numa perspectiva obviamente diferente, Heidegger e Nietzsche são considerados na tradição da filosofia ocidental dois pensadores que surgiram contra a filosofia ocidental, contra a ontologia, contra todo tipo de pensamento que propunha uma explicação do mundo e da realidade a partir de conceitos e categorias produzidos pelos humanos e propostos como imutáveis – não é por acaso que uma das grandes citações de Heidegger que uti-

Refiro-me, em particular, à internet das coisas, aos *big datas*, às formas de conexões de territorialidades etc. Tais arquiteturas são formas de interações simbióticas que não podem ser descritas como utilização de tecnologias ou ferramentas, mas que são interações entre inteligências, inteligências humanas e inteligências não humanas.

lizamos corriqueiramente na nossa época, é aquela relativa à questão sobre a técnica: "o problema da nossa época", ele diz isso logo em seguida do fenômeno da bomba atômica, "o problema da nossa época não é que nós estamos sendo dominados pela técnica e que a técnica está nos destruindo, o problema principal da nossa época é que a filosofia não conseguiu desenvolver uma ideia de técnica capaz de explicar a complexidade da relação que nós temos com a técnica". Então a minha opinião é que a episteme ocidental não está somente em crise, mas é a grande culpada pelo desenvolvimento de uma ecologia que reduz o que não é humano à matéria-prima e leva consequentemente o humano a uma ação destruidora perante o meio ambiente.

Heidegger é um dos autores que mais discute a técnica, e o faz de uma perspectiva destacada da tradição ocidental. Eu sei que no Brasil há uma difusão da interpretação do pensamento de Heidegger e de uma parte da crítica heideggeriana que no contexto da Revolução Industrial associou a ideia de técnica de Heidegger a uma ideia próxima a do Adorno, próxima do pensamento crítico, mas isso não encontra respaldo em outra parte da crítica heideggeriana, sobretudo da produzida por Levinas, Vattimo etc., mas também não encontra respaldo, a meu modo de ver obviamente, na economia da inteira proposta filosófica do Heidegger. O próprio ensaio sobre a técnica é um ensaio, como a maioria dos ensaios que Heidegger escreve, problemático, que problematiza a técnica, mas que não dá um julgamento definitivo sobre ela, até porque isso seria contrário à própria postura de conhecimento de Heidegger. Heidegger produz um tipo de filosofia que busca a tentativa de produzir uma ontologia não metafísica, isto é um tipo de explicação que, no lugar de definir meta-historicamente o conceito, passasse a revelá-lo, desvelá-lo, num diálogo infinito que não chegasse a uma definição, mas que abrisse para caminhos interpretativos que se dariam historicamente de tempos em tempos de formas diferentes e este é o método que ele usa ao dizer a técnica. Então ao analisar a técnica Heidegger diz o seguinte: "a essência do homem é a técnica". Esta é uma das frases mais fortes, do pensamento ocidental, uma frase de rompimento. Heidegger não diz que a técnica é importante, Heidegger não diz apenas que a relação entre o humano e a técnica é uma relação dialógica, complexa, não opositiva,

Heidegger diz que a essência do homem é a técnica. Heidegger diz isso no contexto da bomba atômica, dialoga com a perspectiva devastadora da tecnologia de destruir o humano, de criar armas de destruição em massa etc., e como explica esse fenômeno? Mais uma vez não criticando a técnica, mas dizendo que o problema é de natureza epistêmica, toda vez que o homem acha que vai dominar a técnica, ele é dominado por ela ao dizer isso Heidegger quer demonstrar que a relação entre o humano e a técnica é complexa, ecológica e não pode ser reduzida a uma relação instrumental, portanto a ideia industrial da técnica, a ideia da análise da escola crítica sobre a técnica, a análise das mídias é uma análise que Heidegger julgaria simplória – simplória e superficial. Pois ao contrário do que a teoria crítica pensou, é na relação com a técnica que o humano desenvolve sua própria humanidade.

O filosofo francês Michel Puech observa como seria necessário pensar uma nova história do humano a partir de sua relação com a técnica e, portanto, deveria se pensar não apenas a respeito de uma evolução da espécie *Homo sapiens,* mas a uma coevolução que fundaria uma nova espécie, a "*Homo sapiens tecnologicus*". Então nesta perspectiva nós devemos enfrentar o fato de que a narrativa ocidental sobre a técnica, os seus fundamentos que são o pensamento grego são baseados numa epistemologia que inventa a técnica como uma atividade instrumental e externa ao humano. Aristóteles inventa a palavra *teckne*, que em seu discurso é oposta a *episteme*, o conhecimento verdadeiro, porque a *tekne* é todo aquele tipo de conhecimento aplicado que serve para realizar algumas coisas, que tem relação com a materialidade. É esse discurso de separação, hierárquico que separa *episteme* da *teckne,* à luz do mundo contemporâneo, o motivo da grande condenação do Ocidente, porque perante a complexidade de interação que hoje nós temos com os *big data*, as redes digitais, perante as simbioses entre as tecnologias e as biodiversidades que a biotecnologia produz, perante Gaia, isto é, as transformações climáticas que estão ligadas a tecnologia (não somente porque a tecnologia produz um impacto devastador sobre o meio ambiente), a ideia ocidental de técnica, entendida como externalidade e materialidade instrumental, nos inibe sua compreensão. Ao contrário da ideia industrial e instrumental da técnica, hoje é pela tecnologia que nós começamos a escutar a água do oceano e a camada de gelo, é com dispositivos de conexão que monitoramos as florestas, o desmatamento e a emissão de CO_2, tornando idônea a advertência de Heidegger: "a tecnologia também nos propõe a salvação". Descobrimos portanto hoje que entre o que os gregos chamavam de natureza (*phiusis*), técnica (*tekne*) e humano (*antropos*) não há uma separação, mas há uma ecologia única que está em comunicação, em diálogo conectivo, no qual cada uma determina a transformação da outra. Isto é, a meu modo de ver, não é nem suficiente dizer que são realidades em diálogos, na verdade são uma única realidade que se exprime de formas diversas e que cria dinamismos simbióticos de alterações recíprocas.

Portanto, não há a rigor uma verdadeira separação entre o humano, o meio ambiente e a tecnologia. Este pensamento que o Ocidente não conseguiu desenvolver, senão em algumas matrizes específicas, é possível resgatar, não somente em Heidegger, mas Gregory Bateson, Michel Serres, que

O filósofo francês Michel Puech observa como seria necessário pensar uma nova história do humano a partir de sua relação com a técnica e, portanto, deveria se pensar não apenas a respeito de uma evolução da espécie *Homo sapiens,* mas uma coevolução que fundaria uma nova espécie, a "*Homo sapiens tecnologicus*".

escreveu bastante sobre essa centralidade do humano como crítica etc.

Hoje nós não estamos mais numa interação entre humano e técnica, a palavra técnica, como dizia Heidegger, é pobre demais, a relação que desenvolvemos com os *big data* é uma relação entre inteligência humana e artificial, a relação que desenvolvemos com Gaia conectada às redes digitais é uma relação entre a inteligência ecossistêmica biosférica e a inteligência humana. Estamos falando de interações entre inteligências e não mais entre humano e técnica. Os dois termos, o termo de humano e o termo de técnica, nos levam a um pensamento binário, dialético, simplificador e petrificador. Por que petrificador? Porque perante uma relação entre sujeito e objeto, homem e técnica, homem e natureza, nós temos unicamente duas posturas possíveis, ou a dominação do humano sobre a técnica ou a dominação da técnica sobre o humano, a dialética não nos dá outra possibilidade, a síntese talvez, mas, estamos sempre numa dimensão opositiva, antitética e do domínio, então a própria nossa dominação do meio ambiente, a nossa capacidade amplificada pela tecnologia de destruição do meio ambiente é o resultado de um pensamento binário. Mariana, o que se produziu em Mariana, para citar o mais recente caso de destruição ambiental, é um fato novo que merecia ser tratado em congressos, como foi o caso do Tsunami no Japão, porque aquela faixa de vazamento que chega até o mar é uma parte no interior da qual não somente foram mortas pessoas, destruídas casas, bens etc., mas é uma faixa de terra na qual não existe mais vida, é uma parte do planeta da qual a vida foi retirada, então é uma parte da biosfera que não é mais biosfera. Isso é um fato filosoficamente importante, primeiro porque é um tipo de crime que não há igual na história. Um crime de um homem contra outro homem sempre foi considerado um grave crime, mas o crime contra a vida, contra a biosfera é um crime que de fato merece uma reflexão maior, pois é dramaticamente assustador, porque nós estamos na possibilidade de retirar a vida do planeta, não apenas de atentar contra a vida do humano, o crime do humano contra o humano, mas o crime contra a vida do planeta, não apenas contra o meio ambiente, é mais profundo, porque é um crime contra a biosfera e contra a vida em Gaia.

Então essas questões, hoje, na economia do meu discurso, nos levam a pensar essas categorias que fundam a episteme ocidental, a técnica, o humano e a sociedade a partir da nossa contemporaneidade,

isto é, a partir de Mariana. A meu modo de ver é a expressão de um pensamento filosófico, dialético, binário humanocêntrico que reduz a técnica a instrumento que a utiliza para alcançar e maximizar os objetivos e as finalidades do humano, como se ao nosso redor houvesse apenas matérias mortas, objetos, que produziram Mariana. Por isso, ao refletir sobre Mariana, nós devemos fazer uma análise profunda, crítica sobre a episteme ocidental, porque é a invenção da técnica, é a invenção do humano como manipulador da técnica que nos leva a Mariana e não apenas o mal cuidado ou a vontade de ganância das multinacionais. A análise política não chega ao âmago da questão, limitando-se à superfície do problema. As redes digitais, os novos tipos de biotecnologias, as redes de informática, os *big data* e a própria Gaia são expressões de um tipo de complexidade que pressupõe um tipo de episteme mais complexa e não binária e consequentemente nós devemos substituir a ideia de técnica produzida pela filosofia ocidental por outros conceitos.

Marcella Schneider – Fapcom: Antes você fez referência aos novos tipos de arquiteturas digitais que teriam criado novos tipos de conexão que seriam expressões de um novo tipo de interação não mais dialética entre humano e técnica, ou melhor, como acabou de sugerir, seriam a expressão de um tipo complexo de interação que não poderíamos mais narrar através estas duas categorias; poderia explicar um pouco mais este importante ponto?

Massimo di Felice: Um exemplo que me parece claro a respeito disso é a grande quantidade de informação produzida pela internet das coisas, e pelas diversas formas de conexões. Calcula-se que mais de 80% das informações que circulam pela internet são criadas por não humanos, e sim por *softwares* que criam e armazenam informações de vários formatos. São os famosos *big data*, essa grande quantidade de dados superior a *peta byte*, que não pode ser tratada por humanos. A inteligência humana não consegue tratar essas infinitas quantidades de dados, porque são incalculáveis, inalcançáveis, mas com as inteligências artificiais, os *softwares* que organizam, processam e gerenciam esses dados, podemos dialogar com os mesmos. Então existe já há tempos uma inteligência artificial que dialoga com a inteligência humana. Hoje tudo o que a ciência produz em qualquer âmbito do conhecimento é o resultado das interações entre *big data*, inteligências artificiais e a inteligência humana. Tal perspectiva nos leva a questionar a narrativa que pensou a inteligência humana como uma faculdade autopoiética e autocentrada. A ciência desde Galileu nunca foi uma atividade apenas humana, mas uma atividade humana produzida com instrumentos tecnológicos que nos permitem observar o que o olho não consegue observar. Então, a expressão mais uma vez de Heidegger, segundo o qual a "época moderna é a época da visão que a ciência produz sobre o mundo", é uma expressão bastante compreensível porque de fato o mundo que Galileu conseguiu enxergar pelo telescópio é um mundo mecânico, produzido por esta extensão mecânica do olhar que o telescópio permitiu e que permitiu a Galileu mensurar a trajetória dos planetas, comprovar a sua teoria etc. Desde então a ciência nos fez alcançar um mundo e habitá-lo em simbiose com a técnica. Então a relação entre a inte-

A inteligência humana não consegue tratar essas infinitas quantidades de dados, porque são incalculáveis, inalcançáveis, mas com as inteligências artificiais, os *softwares* que organizam, processam e gerenciam esses dados, podemos dialogar com os mesmos.

ligência artificial e o humano é uma relação consolidada e é uma relação que a filosofia ocidental não conseguiu pensar. Nós temos no Ocidente uma única palavra para conceituar tanto o que nós fazemos com um martelo, com algo que dá extensão ao nosso movimento, quanto o que nós fazemos com uma rede informática, isto é, com o cérebro. Não temos outra palavra, nós chamamos de técnica um computador, um carro, um martelo. De fato, há na tradição ocidental uma pobreza absoluta no desenvolvimento e no próprio interesse pela questão da técnica. Temos exceções, como no caso de Simondon na tradição francesa, temos também as ideias de McLuhan, que desenvolve uma perspectiva de pensar a tecnologia, a eletricidade como uma alteração, uma extensão dos sentidos, ou Walter Benjamin, na tradição da filosofia que pensa o advento da máquina fotográfica como uma alteração ecológica, o advento do cinema como uma alteração ecológica, então não apenas como uma relação da percepção do humano sobre a natureza, mas da própria natureza da natureza. Citando Benjamin "a natureza que fala à câmera é distinta da natureza que fala ao olho". Ainda assim, no linguajar contemporâneo, mesmo numa época de difusão de redes digitais, ao falar de técnica nós continuamos a utilizar o termo técnica, o que nos impede de reconhecer, identificar a complexidade do tipo de relação que estamos fazendo. Isso tem um impacto importante para a legislação, na ideia de que o que nós fazemos quando estamos conectados às redes de informática, em no que é uma cidade conectada, o que é uma "*smartcity*"... o que significa isso? Se nós não temos categorias para reconhecer a complexidade, nomeá-la, significá-la, interpretá-la, nós continuaremos a reproduzir um tipo de relação dialética não somente com a técnica, mas também com o meio ambiente; o que me parece dramático é que a espécie humana irá a pagar caro as consequências dessas ausências de inteligências.

Então as redes digitais em particular nas suas últimas características conectivas, a internet das coisas, por exemplo, que através de formas de etiquetamento permite conectar qualquer tipo de superfície, seja um objeto, um animal, uma planta à internet, permitindo que estas superfícies emitam informações, criam uma ecologia conectiva, uma ecologia que está conectando tudo o que existe e toda a biosfera. A própria teoria de Gaia foi desenvolvida porque existe hoje a possibilidade de monitorar em tempo real a emissão de informações sobre a temperatura das águas dos

oceanos, por exemplo, como um indicador importante para observar as mudanças climáticas, a calota de gelo na Antártida, o tamanho do buraco na camada de ozônio etc. São estas conexões informáticas que nos permitem ter uma conexão contínua com tudo o que antes era chamado de meio ambiente, o que considerávamos estar em volta de nós mas que, hoje, por consequência das arquiteturas de redes percebemos estar por toda parte como habitat, nem externo nem interno.

Assim, a partir desta nova ecologia não mais humanocêntrica, nem tecnocêntrica, que conecta a bioesfera, também nós passamos a ter uma percepção, que é a mesma proporcionada pela teoria de Gaia, de não somente uma ideia de uma ecologia, de uma condição habitativa na qual nós estamos dentro de uma ecologia e não mais na frente, mas também de um tipo de ecologia interativa, porque nós podemos continuamente interagir com as diversas entidades não humanas que estão relacionadas a nós, mas, sobretudo passamos a descobrir o efeito imediato da nossa ação perante as outras entidades e também o efeito da resposta dessas entidades sobre nós. Então, consequentemente, a partir dessas duas grandes mudanças parece-me que há uma crise da episteme ocidental, eu acho que a episteme ocidental chegou a sua crise final.

Marcella Schneider – Fapcom: Esta dimensão conectiva e ecológica nos remete inevitavelmente a outra ideia de comunicação, diversa daquela moderna e industrial que a descreve basicamente como um repasse de informação de A para B. Qual seria a ideia de comunicação apropriada para as redes digitais e as ecologias de Gaia?

Massimo Di Felice: Esta me parece uma das perspectivas interessantes da pesquisa contemporânea, um caminho fértil. Nas ecologias de Gaia e nas arquiteturas de redes, estamos no interior de uma condição conetiva que produz um particular tipo de comunicação que inevitavelmente produz a alteração das entidades conectadas e, portanto, não pode ser narrada apenas como uma troca de informação, como a teoria clássica da comunicação produziu em plena época industrial. A conectividade não é a passagem de uma informação de A para B, nem uma simples troca de conteúdo, mas um tipo de ecologia que produz alterações a todos os membros, alterações seja no nível substancial, seja no nível da condição habitativa. O que precisamos desenvolver é outra ideia de comunicação que não é mais aquela da comunicação sistêmica, se olharmos as teorias clássicas, Lazarsfeld, Umberto Eco, Fabri, o modelo semiótico-textual, todas as diversas descrições e interpretações dos fluxos informativos, se olharmos até historicamente esses são modelos que nascem no contexto industrial e que reproduzem a estética e a lógica da produção em série, produção em série de repasse de informações, natural que seja assim, pois era a cultura da época, no interior da qual a dimensão industrial e a lógica sistêmica permeavam todos os aspectos da sociedade. Mas agora, tudo pode se dizer menos que a internet produz uma forma de comunicação industrial que pode ser narrada em termos de emissão, recepção e fluxos informativos. Hoje nós habitamos redes, nós não apenas nos conectamos e transmitimos informações pelas redes, nós habitamos ambientes virtuais nos quais expressamos nossa socialidade, nosso con-

A conectividade não é a passagem de uma informação de A para B, nem uma simples troca de conteúdo, mas um tipo de ecologia que produz alterações a todos os membros, alterações seja no nível substancial, seja no nível da condição habitativa.

vívio humano, pagamos contas, organizamos nossas viagens, enfim, nós habitamos conectados, então é necessário pensar uma ideia de comunicação não mais industrial, mas uma ideia de comunicação que contemple além do discurso da rede, a conectividade e a complexidade conectiva. Esta deve ser pesquisada, indagada porque me parece um dos cernes principais da questão da comunicação contemporânea.

Marcella Schneider – Fapcom: Isso que você falou agora está relacionado ao seu conceito de formas comunicativas do habitar?

Massimo di Felice: Sim. É um conceito que desenvolvi no livro *Paisagens pós-urbanas, o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar*, editado pela Annablume. Trata-se de um livro importante, traduzido em vários idiomas e que pensa a comunicação não apenas como um repasse de informação entre humanos, pessoas, introduzindo a ideia de uma comunicação entre humano, meios de comunicação e meio ambiente. Partindo da ideia do habitar, desenvolvida por Heidegger, o livro propõe três diversos tipos de interações comunicativas entre homem e meio ambiente: a empática, criada pela escritura, a exótopica produzida pela eletricidade e a atópica que nasce com as redes digitais. A ideia de base do livro é que a relação com o meio ambiente se constrói em diálogo com a tecnologia comunicativa. Uma das teses desse livro era descrever a comunicação como forma de relação não apenas entre os humanos, mas entre o humano e a natureza, entre os humanos e o meio ambiente e a tecnologia. Isso é importante, é preciso transformar a ideia da comunicação para além da relação homem-meio-conteúdo. Devemos ensinar aos nossos alunos que a ideia de comunicação moderna é obsoleta e nunca foi uma ideia idônea, pois não conseguia pensar a comunicação na sua complexidade. Devemos hoje sair dessa ideia e pensar a dimensão ecológica das redes digitais. Vou dizer mais, devemos substituir os velhos modelos comunicativos por uma ideia de comunicação que nos permita contemplar a comunicação entre o humano e mundo dos mortos, o humano e o divino, o sagrado, entre o humano e os animais etc. Enfim, a ideia de comunicação que a ciência da comunicação desenvolveu é uma ideia industrial, antropomórfica, que carrega uma ideia tecnológica instrumental e que reduz o humano a um animal social, industrial e político. Que mais uma vez é uma intepretação demasiadamente ideológica e limitada do humano. É a partir dessa episteme limitada que se produziram as principais teorias do pensamento comunicacional, por isso nós temos hoje a tarefa de desenvolver uma nova teoria da comunicação, porque a teoria da comuni-

cação que nós herdamos é demasiadamente simples e incapaz de entender a complexidade das nossas interações com o meio ambiente, com as inteligências artificiais, os dispositivos de conexão, a biosfera etc.

Marcella Schneider – Fapcom: Então, a partir desse cenário de crise como podemos entender as atuais relações sociais conectadas?

Massimo di Felice: Acho que há uma passagem anterior que é fazer um questionamento sobre o humano, porque nossa ideia de social, a ideia produzida pela ciência social, em particular pela sociologia, sobre o conceito de sociedade, é uma ideia antropocêntrica. A sociedade foi pensada como um conjunto de pessoas, de humanos que, a partir de necessidades e de seus interesses, criam organizações, instituições que na realidade expressam a relação de convívio entre "sócios", isto é, entre humanos. A ideia sociológica de sociedade, a narrativa criada pela sociologia sobre a sociedade não inclui a biodiversidade, não inclui os animais, as plantas e, sobretudo é uma ideia de social basicamente, que nasce no contexto industrial, em pleno positivismo. Auguste Comte inventa o termo sociologia e pensa e desenvolve a ideia de social a partir da perspectiva da urbanidade, das cidades europeias da época. A ideia de sociedade do índio Yanomami, a ideia de sociedade dos Guarani, do Tupinambá enfim, das várias populações e etnias indígenas que habitam o Brasil, não é uma ideia antropocêntrica ou urbana. Os Yanomami não possuem a palavra natureza. O meu livro *Paisagens pós-urbanas o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar* traz exatamente a crítica a este modelo de sociedade baseado numa ideia urbana. A sociologia não urbana estudava os elementos organizadores do campo, mas sempre em oposição à cidade, sempre relacionados ao capital, à lógica da produção etc. e, portanto, mesmo a sociologia rural sempre foi uma sociologia urbana. A ideia de sociedade produzida pela sociologia europeia, antes, e pela norte-americana, sucessivamente, é uma ideia de sociedade antropocêntrica relacionada aos humanos e, sobretudo, que delimita a sociedade ao ambiente urbano antes, e depois ao ambiente dos Estados-nação. Portanto tal sociologia não é mais idônea para pensar e descrever a complexidade da ecologia de Gaia. Nós devemos hoje pensar as formas, os tipos de relação que não são mais apenas sociais, isto é, que estão fora da lógica urbana, do Estado-nação, pois não habitamos mais cidades e nações, em nossa época nós passamos a habitar Gaia, um organismo vivo. Essa é uma grande mudança na nossa época, é a passagem de uma ideia de habitar limitado a esfera do Estado-nação ou da geopolítica, de um bloco econômico ou outro, de uma determinada cidade para habitar a biosfera. Cada vez mais as nossas escolhas e o nosso agir estão ligados à preocupação com o impacto ambiental, isto é, estão ligadas ao que nós causamos ao meio ambiente. Esta é uma transformação importante que marca a nossa época, portanto a ideia de sociedade que a sociologia produz é uma ideia hoje obsoleta, porque não serve para narrar a complexidade de nosso social que, além de ser um social biosférico, é um social conectado a redes, circuitos informativos, bancos de dados e, portanto, é um social que é resultado de interações não apenas humanas, mas, sobretudo, de um tipo de social cuja localidade é uma localidade atópica (do grego "lugar estranho, lugar indecifrável, lugar difícil de ser dito), então nesse sentido a ideia sociológica da sociedade

Nós devemos hoje pensar as formas, os tipos de relações que não são mais apenas sociais, isto é, que estão fora da lógica urbana, do Estado-nação, pois não habitamos mais cidades e nações, em nossa época nós passamos a habitar Gaia, um organismo vivo.

perdeu o chão porque um pressuposto da sociologia era que o social acontecia num "*hic et nunc*", num aqui e agora, num determinado Estado, numa nação, numa cidade, com suas relações de trabalho específicas, com suas relações produtivas etc. Tudo isso migrou para uma outra dimensão, não que isso tenha desaparecido, mas passou a se conectar a uma outra dimensão, que é a dimensão da rede, a dimensão dos banco de dados, dos circuitos informativos que é a dimensão digital onde o nosso social hoje onde acontece? Se formos descrever o social hoje, onde acontecem as relações sociais? Obviamente acontecem nos locais de trabalho, na rua, continuam acontecendo lá, mas cada vez mais o que acontece na rua ou no local de trabalho foi antes já estabelecido, programado nas redes digitais. As manifestações famosas de protesto contra a corrupção, as manifestações de junho de alguns anos atrás nasceram onde e reverberaram onde?

As dinâmicas de interações daquele que eu defino netativismo formam no mundo inteiro um tipo de ecologia complexa, na qual a ação social não se dá mais apenas nas ruas, não se dá mais apenas nas redes, mas num tipo de localidade conectada, complexa, articulada, que vai criando e se desenvolvendo e conectando não só pessoas, mas territórios, ações, filmes, porque depois as imagens que foram filmadas continuam reverberando na rede e são interpretadas, então nasce das redes, vai às ruas, continua conectada, volta às redes. Estamos diante de um novo tipo de social não mais apenas presencial. A mesma ideia de sociedade deve ser completamente repensada, isso eu digo com força aqui no Brasil, porque aqui no Brasil, parece-me que seja este uns dos aspectos que marca a sua especificidade até como contribuição ao pensamento mundial, e que é a existência viva de populações sobreviventes ao extermínio, que são as populações indígenas brasileiras que são portadoras de um tipo de episteme não ocidental. Fazer pesquisa no Brasil a partir de tal consideração não é a mesma coisa que fazer pesquisa na Europa ou em outros contextos, pois aqui, dada a proximidade da episteme ocidental com as demais, existe a possibilidade de produzir um novo tipo de episteme que seja obviamente resultado da tradição ocidental, mas alterada, aperfeiçoada, rediscutida a partir das intersecções desses outros tipo de episteme, indígenas e não ocidentais. O Brasil tem historicamente essa sorte de ser uma fronteira e, nesse sentido, se você pergunta para um índio Krahô quem habita a aldeia, qual é a sua sociedade, ele vai te dizer: "olha a minha família, tem as pessoas, as crianças, os idosos, os peixes, a cobra, a árvore, o rio, tem os mortos", isto é, vai te narrando uma complexidade que é muito superior à ideia sociológica que a sociologia de E. Durkheim, de

M. Weber e dos demais sociólogos produziu da sociedade e que é uma complexidade que exprime uma ecologia muito mais integrada e não opositiva. Parece-me que nós temos aqui no Brasil a responsabilidade e o desafio no sentido positivo de produzir uma episteme que seja obviamente uma alternativa à episteme ocidental. Agora, infelizmente, em nosso contexto contemporâneo essas populações resistentes continuam sendo exterminadas, continuamos o extermínio feito pelo agrobusiness pelo avanço irracional e destruidor do agrobusiness, e pelos grandes projetos que o governo patrocinou e implementou através da construção de grandes hidroelétricas que estão inundando grande parte de biosfera habitada por essas populações, que são deslocadas a força, quando não morrem antes por excesso de bebida ou suicídio, por outras coisas. Então o quadro é um quadro absolutamente que vai na direção oposta, dessa forma acho que o pesquisador deve assumir a forma de uma resistência epistêmica ao que continua sendo destruído e tentar valorizar o que é silenciado, o que historicamente foi silenciado, antes pelo pensamento ocidental hoje pelas formas de mau governo e má economia que continuam expandindo um modelo fadado à extinção e sem futuro.

Marcella Schneider – Fapcom: Enquanto você falava eu estava pensando: vivemos essa situação de interdependência, mas além de vivermos isso, devemos narrar essa nossa realidade e partir dessa visão complexa de interdependência entre os conceitos para chegarmos mais perto de tal complexidade.

Massimo di Felice: Para nos deter brevemente sobre a dimensão dessa complexidade devemos partir do pressuposto que a digitalização é o processo de alteração da substância, não de virtualização, isto é, de negação ou oposição à substância, que se contrapõe à dimensão real, mas um processo de conexão que faz com que uma matéria, sem perder a própria substância, sem perder a própria característica, adquira pelo processo de digitalização um conjunto de outras possibilidades e de performances que inevitavelmente vão alterar a própria substância material originária. É algo parecido com a ideia de transubstanciação, que é uma ideia que se desenvolve num âmbito do ritual de concepções cristãs da alteração da espécie do pão e do vinho na espécie do corpo e do sangue de Cristo. Isto é, a dimensão fenomênica se mantém mas, ao mesmo tempo, se tem uma alteração real qualitativa, embora não apareça no fenômeno. Então essa dimensão, "transubstanciativa" da matéria, como a defino nesse próximo livro que está saindo sobre o netativismo, que atribuímos aos processos de digitalização, deve nos levar a pensar não mais em uma essência ou uma ontologia, mas em uma contínua possibilidade. Para descrever tal mudança eu utilizo o significado do termo condição. Na sua etimologia latina o termo *condictio* possui dois significados, duas possibilidades de tradução: a primeira faz referência à limitação, onde a condição é uma limitação, é algo que delimita; a segunda se refere à ideia de que a condição signifique uma possibilidade. Então parece-me que a dimensão digital é a condição humana, é exatamente a combinação dessas duas características aparentemente opostas, mas que convivem e, portanto, numa perspectiva não dialética compõem a complexidade contraditória e oximora de nossa condição. Em palavras mais simples, nós somos em condição, condicionados e não completamente

Na sua etimologia latina o termo *condictio* possui dois significados, duas possibilidades de tradução: a primeira faz referência à limitação, onde a condição é uma limitação, é algo que delimita; a segunda se refere à ideia de que a condição signifique uma possibilidade.

livres, como erroneamente pensou o pensamento político ocidental.

Marcella Schneider – Fapcom: Pois é, diante dessas colocações, o que eu vejo é que precisamos nos empenhar em uma mudança de perspectiva, mudar o como estamos articulando as informações, o pensamento, o conhecimento, e eu fico me perguntando como podemos fazer pesquisa no âmbito da academia, sendo que a pesquisa está muito baseada e estruturada nesses conceitos mais rígidos da ciência moderna, como é que conseguimos fazer pesquisa e caminhar para essa direção e abrir a nossa epistemologia para pensar em termos de "condição humana" e não na "essência"?

Massimo di Felice: Essa é uma questão muito importante que para mim é decisiva, porque se nós olharmos a história da humanidade vemos que não é da política que nasceram as alterações e as transformações, sendo positivas ou negativas. As mudanças qualitativas de grande alcance nunca saíram da política, não foram os processos revolucionários que mudaram profundamente a sociedade. Todas as principais transformações da história da humanidade nasceram da interação com a tecnologia. Pensamos a invenção dos caracteres móveis e da tipografia, a invenção da eletricidade e do motor e dos meios de comunicação de massa, até a internet. Em outras palavras, a transformação está ligada aos processos de pesquisa e a interações férteis do humano com a técnica e o meio ambiente. Sendo assim, é na dimensão da pesquisa e não do agir político que nasce a inovação, portanto, a partir desse ponto de vista é possível enxergar uma dimensão particular que liga a pesquisa à poética, à *poiesis* grega, isto é, uma forma de desvelamento, de alteração da própria realidade, a partir de uma interpretação teórica e de uma perspectiva inédita. Obviamente a pesquisa e a descoberta deverão se tornar aplicação e, portanto, deverão se tornar organização social, mas isso é sucessivo. Não é na dimensão do agir político que se produziram as transformações, na história do Ocidente, então isso é importante porque num contexto atual da sociedade brasileira, de qualquer sociedade, não só na sociedade da informação, no contexto de Gaia, nós devemos ter consciência de que a sociedade do futuro é a pesquisa, então há um papel aqui muito importante a ser desenvolvido pelos pesquisadores. Agora, a pesquisa que nós temos hoje na academia é na maioria dos casos uma pesquisa burocrática, que reproduz conteúdo e não consegue apresentar conteúdos novos. Há um conformismo genera-

lizado amplificado da difusão de formas de avaliação meramente quantitativas.

Eu acredito que cada pesquisador, desde a graduação até o pós-doutorado, em todas as etapas de sua carreira, deve sempre escolher entre duas possíveis ideias de ciência: a ciência normal, que reproduz conhecimento, e a ciência inovadora. Se ele escolhe a ciência normal ele vai produzir um tipo de pesquisa, de conhecimento que reproduz a ideia de realidade, a ideia de mundo, a ideia de humano, a ideia de técnica, que a comunidade científica daquele período propõe e considera como idônea; ao contrário, o cientista, o pesquisador que busca uma linguagem nova é um pesquisador que, obviamente, sempre dialogando com a comunidade científica da época, opta por uma dimensão poética, criativa, e passa a buscar uma linguagem, que seja capaz de dizer algo novo, de expressar o desconhecido, de narrar o que não está claro, não está ainda visível. Daí a atividade do pesquisador, a meu ver, se aproximar muito da atividade do poeta, uma das possíveis interpretações da atividade do poeta, do artista é a de criar, inventar formas novas de expressão e, sobretudo, de buscar uma linguagem nova.

A função social do pesquisador é a criação, é a inovação. Um pesquisador de alto nível tem a obrigação de ser criativo, embora isso possa parecer uma contradição, porque a criatividade não pode ser praticada como obrigação, mas, toda vez que tivemos na história da humanidade pesquisadores inovadores, a humanidade deu passos para frente, passou a mudar a sua forma de olhar o mundo, o planeta, o meio ambiente, a realidade, e isso introduziu alterações. Então parece-me que a atenção excessiva à produção quantitativa do currículo cria uma ideia industrial da produção do conhecimento que, quanto mais industrial, mais ordenada, tanto menos será criativa. Sem ir numa dimensão dialética entre inovação e quantidade, entre criatividade e ordem, me parece importante ressaltar que a vocação do pesquisar está ligada sim a uma produção, mas a uma produção de algo que ainda não se conhece, de uma linguagem que ainda não conhecemos.

Marcella Schneider – Fapcom: Está certo, prof. Massimo, de fato a sociedade brasileira tem um desafio grande que é sair dessa perspectiva burocrática da pesquisa, industrial, e eu acho que têm aparecido algumas tentativas de olhar para a produção do conhecimento, para a nossa relação com o conhecimento desde a época da infância, de como se constrói essa relação, para não fazermos só a parte não criativa da pesquisa, que acaba não gerando elementos importantes, para entendermos essas alterações e conexões da sociedade, das pessoas, da tecnologia Enfim, eu queria agradecer muito pela sua entrevista, por ter compartilhado seu conhecimento, um pouco da sua história de pesquisa acadêmica, queria agradecer bastante em nome da Fapcom, é sempre muito bom ouvir suas considerações. Muito obrigada.

Massimo di Felice: Obrigada a você, Marcella, obrigada pela possibilidade, pelo diálogo e parabenizo mais uma vez a Fapcom por essa iniciativa de criar uma nova revista que com certeza irá nessa direção de divulgar a ideia da pesquisa como a contínua busca de uma nova linguagem.